

MEDITAÇÃO MANUAL

O que uma paisagem não é? Antes de tudo, uma paisagem não é o espaço doméstico, não é uma casa, uma habitação. Ao instalarmos uma casa na bela região que gostamos de contemplar, a paisagem desaparece. Construir uma casa ali seria transformar a paisagem em chão, em invólucro. Apesar de sua comercialização pela indústria imobiliária e do turismo, a utilidade da paisagem não pode ser equiparada à de uma residência. Contemplada a partir de uma janela a paisagem se reconfigura como “vista”. Esta vista (“uma bela vista sobre o mar”) é a paisagem domesticada, enquadrada, fixada, isto é, processada pelo que há de possessivo no conceito “lar”. Se há algo que possa “morar” numa paisagem, este algo é apenas o olhar. Mas o olhar não precisa de casa. Sua razão de ser é a mobilidade.

Uma paisagem não pode estar próxima. Ela pode até incluir cidades, rodovias e nuvens, mas sua natureza é estar distante. Mesmo as paisagens familiares, aquelas ao longo do caminho dos retirantes que todo final de ano viajam à sua cidade natal, estarão sempre distantes. Familiaridade distante, neste caso. As paisagens existem porque o próprio ato de ver pressupõe distância. E o fato de serem distantes dá tempo à História de fornecer maneiras atualizadas de vê-las. Sob uma aparência enganosamente estável, uma paisagem sempre reúne os diferentes modos pela qual é contemplada, ainda que nos deixe pensar que a maneira como é vista por nós e a única que existe.

Uma paisagem não é uma área facilmente demarcável. Aliás, viria da difícil categorização de tudo o que é contemporâneo o atual interesse na problematização da paisagem? Contornos definidos são características de parques, não de paisagens. Parques podem até fazer parte de paisagens, mais um aspecto essencial da paisagem é a maneira como ela se descortina: como um processo. Um parque pode ter cercas, receber um portão e ser representado num mapa. Mas nunca saberemos onde uma paisagem começa exatamente. No caminho até ela? Mas onde começa qualquer caminho? Geralmente ela é parte de um processo que se inicia na preparação da viagem. Sua origem se confunde com a própria origem de um afeto. Transformada em memória, os contornos das paisagens se deslocam como água-viva pela História.

Uma paisagem não é uma totalidade. Ela nos engana neste aspecto. Mas definir uma área como tal sempre indicaria a fé de que a totalidade é possível. Daí, os belvederes. Belvederes pretendem fornecer a experiência da totalidade da paisagem. Porém, totalidades são ilusões. Toda maneira de ver, todo existir passa por um filtro, um recorte, um ângulo, uma perspectiva. Mas amamos os belvederes como amamos as ilusões. E aspiramos à totalidade pela doce ilusão de poder que a imaginação nos dá.

Na lista do que uma paisagem não é não pode faltar a constatação óbvia de que uma paisagem não pode ser tocada. Ainda que cada um dos cinco sentidos sempre funcione convocando os outros, aproveitar a beleza de paisagem para descansar significa dar férias ao tato. Apesar de toda paisagem abrigar muito espaço, não há espaço para o tato na paisagem.

Paisagens não devem ser feias, nem excessivamente impregnadas por elementos urbanos. Não são para serem vistas de aviões (sua referência deve ser a experiência humana e não a dos pássaros ou das máquinas). Interessante perguntar aos passageiros se o que lhes descortina lá do alto é uma paisagem ou um mapa.

Paisagens não exigem muito conhecimento sobre si próprias. Não exigem que se saiba algo sobre suas árvores, sobre seu passado, nem sobre as tragédias que ocorreram ali para que se goste delas. Sim, porque novamente insisto que paisagens “servem” para serem gostadas, sempre serão atraentes ao olhar, à convivência. Aliás, paisagens sempre receberão bem o olhar estrangeiro, ingênuo, ignorante mesmo, o apreciador de superfícies. Quanto mais nos surpreendemos com o exotismo da paisagem, mais a viagem até a ela parece se justificar e mais nos sentimos recompensados. A paisagem se entrega a quem as olha como se insistisse na possibilidade de inocência. É rápida a transformação da ignorância que nos separa dela (e que a constitui) em prazer. Ela parece ter estado ali o tempo todo esperando por quem a visita. Ela é fácil como qualquer ponto turístico.

Seria para desmarcar esta fé na inocência que Monica interfere em suas paisagens? Ao ter um espelho colocado diante de si, a paisagem é questionada sobre a sua inocência. Ao ser apresentada como colagem, ela é despida de tudo o que é imediato, polido, fácil e pronto. Como colagem, ela se torna mais História do que sensação, mais contingência que espontaneidade, mais relógio que experiência direta de tempo. As bordas difusas entre as partes são remendos. Algo foi perdido definitivamente e o que se tenta convocar é uma assembleia de possibilidades apenas.

Aprisiona-se a paisagem numa fotografia. A partir daí empreende-se as infindáveis operações para conhecê-la. Então, que embarquemos no sisifismo de desmontar e remontar, como se destas operações o ser da paisagem pudesse se manifestar. Mas ele não aparece. Não é possível ver diretamente, suspender o filtro coletivo do olhar aculturado, mediatizado e racional. Nada pode ser vivido diretamente. A floresta, o passeio, a viagem é perigosa. O simulacro é muito mais seguro. Então é nele que devemos brincar, é na superfície da foto que devemos deixar marcas e nos iludirmos sobre nossa originalidade, sobre a originalidade da arte. Na era do simulacro as experiências que contam são as colagens de colagens de colagens.

Tudo o que uma paisagem não é é trabalhado por Monica Mansur em suas séries fotográficas “Horizontes Lineares – Sobrevoos” (2011), “Da Água” e “Esquecimento” (ambas de 2011) e Horizontes Lineares / Glacial (2012). O que se vê nestas séries é uma “meditação manual” sobre o ser ou não ser da paisagem. Reagindo contra a recusa da paisagem em se domesticar, Monica propõe uma paisagem impregnada pelo bem comportado enquadramento do cartão postal, pelo turisticamente belo. Mas o enquadramento pré-fabricado não resiste à força dos olhares contidos na paisagem e Monica os suspende com fusões, desfoques e emendas.

O aspecto “processual” da paisagem, suas múltiplas entradas, sua dificuldade em deixar-se possuir, tocar e domesticar mobiliza a artista a um pensamento-ação. Ela reflete sobre algo ao desmontá-lo e refazê-lo; é uma meditação conduzida pelo trabalho manual, com toda a contradição que este projeto pode conter. Mas é interessante lembrar que os místicos também recorrem à manipulação de objetos, contas e colares para meditar. Fragmentadas, remendadas e confrontadas com sua condição bidimensional, as paisagens de Monica Mansur mostram-se como exercício de autoconhecimento que se tornará mais eficaz quanto menos teórico ele for. Tocar o intocável. Recomeçar o que não para de existir.

À distância típica de toda paisagem, Monica propõe traços, toques e espelhamentos. Como se a distância, agora racionalizada num espelho, pudesse se explicar. Colocar a paisagem diante de espelho não seria pressupor que ela é capaz de conversar com si mesma? Retirada da exposição, na reserva técnica de um museu, a paisagem diante do espelho faria uma autoanálise, talvez para chegar à conclusão de que nunca houve diferença alguma entre ela, como coisa em si, e sua representação. A paisagem nunca foi mais do que mera representação, sempre foi algo demasiado

humano. A intimidade total de Monica com a paisagem fotografada, constatada pela facilidade com que as corta e recorta, nos lembra da nossa intimidade com simulacros, nossa inteira submissão a eles, que se multiplicam tanto mais quanto são descompostos, que geram novos de si quando são divididos.

O trabalho de Monica Mansur nestas séries fotográficas se dá numa época em que uma das principais características da paisagem encontra-se acuada, tímida, transformada em problema: a distância. O mundo contemporâneo não tolera a distância. Tudo tem que ser tocado, penetrado, visitado. Transferem-se instantaneamente arquivos de um computador num quartinho de empregada no Catete para uma “nuvem” (na verdade, um servidor na Islândia) e de lá para um amigo no Japão. Tudo tem que ser interativo (como a Internet e as exposições de mídia-arte) e não contemplativo (como as paisagens). A ilusão das imagens dimensionais é substituída pela penetrabilidade das instalações artísticas. Tudo tem que estar próximo, como já profetizou Benjamim em *A Obra de Arte*. Pode-se “tuitar” com o presidente dos Estados Unidos tão facilmente quanto saber o que comeu hoje o amigo do amigo do amigo. Sobram atração, interrupção, estímulo. Falta concentração. Paisagens são um problema contemporâneo.